

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DE TECNOLOGIA EDUCATIVA

Ana Paula Ferreira¹
Manoela Cristina Berticelli²
Rosa Maria Rodrigues³
Solange de Fátima Reis Conterno⁴

Resumo: As ações educativas em saúde requerem planejamento, organização e sistematização. Nem sempre o processo educativo conta com materiais adequados para sua efetivação. Objetiva-se expor, a partir de referencial bibliográfico, o processo de produção e validação de tecnologias educativas que envolvem seis etapas. Na primeira realiza-se a produção da tecnologia educativa; na segunda a elaboração de um projeto e encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa; na terceira selecionam-se os juízes para avaliar se a tecnologia produzida está ou não adequada às suas finalidades; na quarta etapa, a tecnologia deve submeter-se à avaliação do grupo alvo; na quinta, o profissional realiza a análise das sugestões e procede a discussão; na sexta etapa ocorre a produção final da tecnologia. Este movimento permite qualificar a produção e validação de tecnologias disponibilizando material adequado as ações educativas.

Palavras chave: Educação, Educação em Saúde, Tecnologias Educativas.

Introdução

A ação educativa em saúde é um processo que requer planejamento, organização e sistematização, pois deve explicitar objetivos e encaminhamentos que levem em conta as expectativas dos educandos e que busquem aprofundar a reflexão acerca dos determinantes do processo saúde-doença.

O trabalho educativo pode ser conceituado na perspectiva de Saviani (1996), ao tomá-lo como trabalho não material que pode ser entendido em duas modalidades. Na primeira, o produto se separa do produtor (livros, objetos artísticos, cartazes, manuais, cartilhas, etc.); já na segunda, o produto não se separa do ato de produção, ou seja, produção e consumo se dão ao mesmo tempo.

As ações educativas em saúde acontecem em diferentes espaços. Bagnato et al (2009) afirmam que as práticas educativas em saúde (PES) podem envolver trabalho junto a famílias, grupos, usuários e trabalhadores da área da saúde. Em algumas iniciativas as PES podem se constituir em dispositivos meramente informacionais acerca da saúde, visando mudar comportamentos das pessoas, produzindo normas e reforçando a culpabilização. Para Figueiredo et al. (2006), as práticas educativas em saúde, não requerem apenas a capacitação

¹ Bióloga. Professora no Colégio Estadual São Cristóvão, Cascavel- Pr. E-mail: anapaulascherer2@gmail.com

² Acadêmica do segundo ano de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel-Pr. E-mail: manu.berticelli@hotmail.com

³ Enfermeira. Doutora em educação. Professora do curso de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel-Pr. E-mail: rrodri09@gmail.com

⁴ Pedagoga. Doutora em educação. Professora do curso de enfermagem da Unioeste, Campus Cascavel-Pr. E-mail: solangeconterno@gmail.com

para as práticas do (auto) cuidado, mas o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes positivas a partir do trabalho crítico e reflexivo dos direitos e deveres próprios da cidadania que leva os sujeitos a uma conscientização e reflexão, e possibilita mudança de comportamento.

Na realização do trabalho educativo em saúde, não raro os profissionais lançam mão de tecnologias educativas que possam potencializar a relação educativa na construção de saberes e práticas sobre os temas relativos aos cuidados em saúde.

Observa-se que nem sempre as tecnologias produzidas para mediar a relação educativa entre o enfermeiro e os sujeitos envolvidos são submetidas a processo de avaliação seja da produção ou da sua validação. Entretanto, sabe-se que já existe disponível referencial teórico metodológico que sustenta os processos de produção e validação de tecnologias educativas. Diante disso, objetiva-se expor, a partir de referencial bibliográfico o processo de produção e validação de tecnologias educativas.

Desenvolvimento

O processo de produção e validação de tecnologias educativas em saúde encontra-se sistematizado em duas principais publicações científicas que expõe uma sistemática metodológica que seria “ideal” na sua formulação. Nela incluem-se os trabalhos de Oliveira; Fernandes; Sawada (2008) e Teixeira et al (2011). Neles se observa característica comum por se constituírem em experiências que partiram de um levantamento ou da produção de uma tecnologia que foi submetida à apreciação de juízes especialistas em amostras metodologicamente definidas e que retornaram ao público alvo para aferição de sua adequação as suas finalidades.

Este processo pode ser operacionalizado por meio de pesquisa definida como pesquisa metodológica, que trata do:

[...] desenvolvimento, da validação e da avaliação de ferramentas e métodos de pesquisa. As crescentes demandas por avaliação de resultados sólidas e confiáveis, testes rigorosos de intervenções e procedimentos sofisticados de obtenção de dados têm levado a um aumento do interesse pela pesquisa metodológica entre enfermeiros pesquisadores (POLIT; BECK, 2011, p. 330).

O processo de produção e validação deve contemplar pelo menos seis passos, conforme Teixeira; Motta (2011). No primeiro deles é preciso proceder a produção de uma tecnologia educativa adequada aos seus propósitos. Neste momento pode-se realizar uma

pesquisa de campo e proceder posteriormente ao embasamento teórico ou ela pode ancorar-se exclusivamente em referencial bibliográfico.

No segundo passo será necessária a elaboração de um projeto e encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, mesmo que não seja contemplada na primeira fase a realização de pesquisa de campo, pois se coletarão dados com especialistas e, portanto, sugere-se que o projeto seja submetido ao Comitê. Para esta submissão é necessário encaminhar o projeto de pesquisa; um exemplar da tecnologia educacional; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além de outros termos, caso o estudo envolva outras instituições, como por exemplo, autorizações de entidades e os instrumentos de validação (TEIXEIRA; MOTTA, 2011).

No terceiro passo é necessário proceder a seleção dos juízes e aplicação do primeiro instrumento, ou seja, o instrumento que avalia, do ponto de vista de autoridades cientificamente fundamentadas e com experiência na área específica, se a tecnologia produzida está adequada ou não às suas finalidades. Teixeira; Motta (2011) indicam que este grupo de sujeitos seja composto por 9 a 15 integrantes que dominem os conhecimentos específicos abordados na tecnologia; além deles é importante incluir um pedagogo, um design gráfico e algum profissional formado em comunicação social.

2093

No quarto passo deve-se realizar a seleção do público alvo e aplicação do instrumento construído para que este grupo específico avalie a tecnologia produzida, ou seja, a tecnologia deve submeter-se a avaliação do público que ela pretende atingir. Este grupo deve ser composto por 9 a 12 integrantes; deve constituir-se por sujeitos com diferentes níveis de escolaridade (TEIXEIRA; MOTTA, 2011).

No quinto passo, o profissional realiza a análise das sugestões e procede a discussão. Neste momento é importante realizar minuciosa análise das sugestões e anotações; análise das respostas dos juízes especialistas; análise da representação comportamental dos juízes especialistas; análise das respostas do público alvo (TEIXEIRA; MOTTA, 2011).

No sexto passo realiza-se a produção final da tecnologia (TEIXEIRA; MOTTA, 2011) quando, após a análise precedente, o autor tem condições de expor ao público um documento minimamente confiável e que tenha condições de responder aos propósitos de sua produção. A divulgação do material, por sua vez está diretamente relacionada à sua finalidade, como exemplos de espaços de divulgação citam-se os grupos de estudo; as consultas dos diferentes profissionais de saúde ou de educação; na alta hospitalar; em grupos específicos (grupo de

gestantes, mães, idosos, diabéticos, hipertensos), escolas, visitas domiciliares, dentre tantas outras possibilidades.

Conclusão

Em suma produzir um material educativo qualificado visa: divulgar trabalhos e ações realizadas; sensibilizar a população para determinadas ações; socializar informações; reforçar orientações e discussões orais; incentivar o autocuidado; servir de guia de orientação para o caso de dúvida posterior; instigar o debate de determinados temas; prolongar a comunicação profissional-usuário; auxiliar a tomada de decisões, etc. Este movimento permite qualificar a produção e validação de tecnologias disponibilizando material adequado as ações educativas.

Referências

FIGUEIREDO, M. L. F. et al. Educação em saúde e mulheres idosas: promoção de conquistas políticas, sociais e em saúde. **Esc Anna Nery Rev Enferm.** v. 10, n. 3, p. 456-66, dez., 2006. Disponível em: <http://revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=137>. Acesso em: 5 Set. 2014.

MENDES, K. D. SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Revista Texto e Contexto em Enfermagem**, Florianópolis. v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

TEIXEIRA, E.; MOTA, V. M. S. S. **Tecnologias educacionais em foco.** São Caetano do Sul-SP: Difusão, 2011.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1996.

TEIXEIRA, E. et al. Cuidados com a saúde da criança e validação de uma tecnologia educativa para famílias ribeirinhas. **Rev. Bras. Enferm.** v. 64, n. 6, p. 1003-1009, nov./dez., 2011.